

CAPÍTULO 79

DOI: 10.4322/978-65-995353-8-3-079

SAÚDE NA ESCOLA: PROMOÇÃO DA INTERSETORIALIDADE
COMO PREVENÇÃO DO USO ABUSIVO DE DROGASJuliete da Silva Pereira¹, Iracema da Silva Frazão²¹Universidade Federal de Pernambuco, (juliete.s.pereira@outlook.com)²Univesidade Federal de Pernambuco, (isfrazao@gmail.com)**Resumo**

Objetivo: analisar como os professores do ensino médio percebem a integração entre a saúde e a educação nas ações de prevenção do uso de drogas no ambiente escolar. **Método:** trata-se de um estudo descritivo, exploratório, observacional, com abordagem quali-qantitativa realizado nas Escolas de Referência do Ensino Médio situadas no Distrito Sanitário IV do Recife. A coleta se deu a partir do preenchimento de dois questionários desenvolvidos pela autora e submetido a uma entrevista fundamentada em duas questões norteadoras. A entrevista foi gravada em aparelho eletrônico e posteriormente transcrita e processada com o auxílio do software IRAMUTEQ. Os dados provenientes dos questionários foram codificados no Statistical Package of the Social Sciences (SPSS). **Resultados e Discussão:** observa-se que 60% das escolas são cobertas por UBS, porém, só em 20% ocorre visita das unidades; as drogas mais utilizadas são álcool e cigarro, e muitas vezes por influência de um adulto. Os educadores abordam o assunto mas com receio de possíveis consequências dentro e fora da escola; os familiares ainda precisam se fazer mais presentes junto aos professores no combate às drogas, bem como os profissionais da saúde. **Conclusão:** espera-se que este estudo possibilite meios para facilitar a intersectorialidade entre os atores da educação e da saúde a partir do reconhecimento de suas experiências e potencialidades. Nota-se que o álcool continua sendo a droga mais utilizada, porém ainda há uma aceitação cultural pela sociedade; percebe-se que o profissional de saúde deve adentrar o setor da educação e tornar-se parceiro dos educadores no processo de construção crítica dos jovens quanto as drogas e aproximar os familiares para este processo. Deve ainda haver um monitoramento mais eficaz do Programa Saúde na Escola para sua efetivação e obtenção de resultados.

Palavras-chave: Saúde mental; Educação em saúde; Uso abusivo de substâncias psicoativas; Adolescente.

Área Temática: Temas transversais - Outros.

E-mail do autor principal: juliete.s.pereira@outlook.com

1 INTRODUÇÃO

A Organização Mundial da Saúde (OMS) diz que “a adolescência compreende dos 10 aos 19 anos”; já o Estatuto da Criança e do Adolescente, Lei Federal nº 8.069 de 1990, art. 2º “adolescência compreende dos 12 aos 18 anos” (ECA, 2017, p. 01).

De acordo com os dados do II Levantamento Nacional de Álcool e Outras Drogas - (), “entre os anos de 2006 e 2012, houve um aumento na proporção de jovens que iniciaram o uso de bebida alcoólica antes dos 15 anos; entre os homens foi de 16% para 24% e entre as mulheres, 8% para 17%” (INPAD, 2014, p. 37).

O álcool está inserido no grupo de drogas lícitas, que são todas aquelas que podem ser consumidas e comercializadas, mesmo que com restrições, assim como o tabaco que não pode ser vendido para menores de 18 anos. Já as ilícitas têm seu uso e comercialização proibidos, como o crack, ecstasy e heroína. Essa classificação diz respeito à legalidade, mas também podem ser classificadas quanto a origem, estrutura química, mecanismo de ação e efeito relacionado ao uso clínico. Droga é toda substância, natural ou sintética, que cause alguma alteração nas funções do organismo (MENDES, 2015).

As Unidades Básicas de Saúde tem como objetivos a promoção e recuperação da saúde e prevenção de agravos à saúde, que devem ser desenvolvidas nos diversos ambientes da comunidade e atender todas as pessoas. Dessa forma, um dos papéis das unidades de saúde é atuar na saúde e desenvolvimento do adolescente e tem como caminho a educação em saúde (COSTA, 2014).

Esse pode ser o caminho para conduzir a população ao autocuidado, ao pensamento crítico e a buscar soluções para suas condições, permitindo participação na construção de alternativas como protagonistas de suas transformações (BARRETO; CAVALCANTI. 2016). A atuação intersetorial do profissional de saúde conjuntamente com a equipe escolar pode, e deve, atuar de forma preventiva para reduzir os riscos do uso de drogas e suas complicações (COSTA, 2014).

O vínculo entre educação e saúde dar-se desde a existência do Ministério da Educação e Saúde (MES), que posteriormente se dividem porém, sem se desvincularem. Dos anos 50 até os anos 2.000 houve diversas tentativas de focalizar ações de saúde nas escolas, mas com abordagens medicalizadas e centradas na manutenção da integridade física, como higiene pessoal e primeiros socorros. Em 2006, com a publicação da Política Nacional de Promoção da Saúde (PNPS), houve uma reformulação quanto ao entendimento da culpabilização individual pelos cuidados à saúde e incentivo ao fortalecimento da intersetorialidade, construção de trabalho em equipe, respeito às singularidades e participação social (BRASILIA, 2009).

O PSE visa integrar os setores da educação e da saúde, com ações que partem da consideração do contexto escolar e da comunidade local. Os municípios interessados solicitam adesão ao programa, que devem ter equipes de Saúde da Família compostas por médico, enfermeiro, psicólogo e nutricionista, conforme preconizado pela Política Nacional de Atenção Básica. Ele considera as variações de cultura de cada região, os contextos sociais, valoriza a participação dos vários atores sociais, e objetiva atingir todos os envolvidos (RODRIGUES; CAMPOS, 2016).

Após conhecimento de todo o contexto no qual o jovem está inserido, da realidade atual do uso de drogas e da possibilidade de realização de educação em saúde; é necessário conhecer e, através da vivência e prática dos educadores, aprender como se aproximar dos adolescentes. Com profissionais mais capacitados e presentes no cotidiano dos jovens, é possível identificar as fragilidades e potencialidades da educação em saúde na atualidade, e com isso, aperfeiçoar a atuação dos profissionais de saúde em conjunto com os educadores, em benefício dos adolescentes, conscientizando-os sobre sua saúde e aspectos de vida futura.

Diante das vulnerabilidades sociais, psicológicas e biológicas apresentadas pelos adolescentes, o início precoce do uso de drogas e a atual compreensão do álcool como algo cotidiano, torna-se imprescindível estudar e debater sobre o tema para planejar mudanças à serem implementadas, promover autocuidado e prevenir agravos à saúde. Para isso, o objetivo é analisar como os professores do ensino médio percebem a integração entre os setores da saúde e educação no ambiente escolar para prevenir o uso abusivo de drogas.

2 MÉTODO

Trata-se de estudo descritivo, exploratório, observacional com abordagem quali-quantitativa. Realizado nas Escolas de Referência em Ensino Médio (EREM) do Recife, localizadas no Distrito Sanitário IV (DS IV). Os locais de estudo foram escolhidos propositalmente por se localizarem na mesma região de atuação da Universidade Federal de Pernambuco (UFPE) e da Secretaria de Educação de Pernambuco.

A população é composta por 80 professores da rede pública que lecionam, independente da disciplina, em EREM do Recife e que tenha qualquer tipo de vínculo com a escola. Eles responderam um questionário dividido em duas partes, a primeira composta por perguntas que caracterizavam o perfil dos professores e identificavam se os mesmos já abordaram o tema em aula; a segunda parte é referente a abordagem do tema, sua frequência e como é abordado, e ainda há duas perguntas que foram gravadas em equipamento de áudio. Fizeram parte de todas as etapas da coleta de dados aqueles que já abordaram o tema álcool e outras drogas dentro da

sala de aula, e foram excluídos aqueles que estavam de licença médica/maternidade, de férias ou afastados da escola durante o período da coleta.

Após apresentar a proposta de pesquisa aos diretores e a Carta de Anuência com a autorização da pesquisa, foi respondido outro questionário pela própria pesquisadora através da observação e questionamentos com os funcionários, onde foi avaliada a frequência dos profissionais das Unidades Básicas de Saúde (UBS) nas escolas. Posteriormente foi entregue aos professores o Termo de Livre e Esclarecido e o Termo de Autorização do Uso de Imagem e Depoimento àqueles que aceitaram participar. Após responderem a primeira parte do questionário, os que já tinham abordado o tema álcool e outras drogas, foram chamados a gravar em áudio duas perguntas finais. As entrevistas foram realizadas com um total de 37 professores que atenderam aos critérios de elegibilidade até ser observada saturação das respostas a todas as questões formuladas.

Os dados referentes às questões diretas foram processados no software SPSS. As entrevistas foram transcritas na íntegra no programa Libre Office e processadas pelo software IRAMUTEQ, empregando técnicas de processamento de dados do tipo textual.

Foi solicitada à Gerência Regional de Educação Recife - Sul a Carta de Anuência que permitiu o desenvolvimento da pesquisa nas escolas e garantido o cumprimento de todas as determinações da Resolução Nº 466/2012 do Conselho Nacional de Saúde (BRASIL, 2012). Os nomes reais dos entrevistados foram preservados e substituídos por pseudônimos. A coleta de dados teve início após aprovação do projeto no Comitê de Ética em Pesquisas do Centro de Ciências da Saúde da UFPE com identificação do projeto Nº 170411912 e CAAE 67129117.3.0000.5208 com data de aprovação de 08 de junho de 2017.

3 RESULTADOS E DISCUSSÃO

Foram entrevistados um total de 37 professores; um faleceu, três estavam de licença médica, três recusas diretas e os demais professores recusaram indiretamente a participação. Houve dificuldades por parte dos diretores que, em uma das escolas, solicitou comparecer à escola em outro momento, porém, o motivo persistiu inviabilizando a continuidade da coleta de dados na mesma.

Observou-se que 60% das escolas são cobertas por USF sendo que em apenas 20% ocorre visitas, quanto a frequência dessa visita percebe-se que a Unidade de Saúde comparece somente algumas vezes por ano na escola (20%). Quando ocorre, as abordagens não são relacionadas a atividades educativas e nem sobre o uso de drogas, mesmo possuindo recursos disponíveis para tal atividade.

Após processamento dos áudios no software IRAMUTEQ, obteve-se os seguintes resultados:

3.1 Experiência sobre abordar o tema álcool e outras drogas em sala de aula

3.1.1. Prevenção e Envolvimento Familiar

Como destaque teve a palavra “Droga”, seguida em suas ramificações principais por “Questão” e “Álcool”; e nas ramificações secundárias “Respeito” e “Consequência” e ainda, como ramificações finais, há “Debater”, “Lícito”, “Curiosidade”, “Prevenir”, “Ílícito”, “Violência”, “Familiar”, “Mãe”, “Conscientizar”.

Ao serem questionados sobre o debate com os alunos, os educadores referiram muito sobre droga ilícita, colocaram em pauta o álcool, porém, ligando com menor frequência à característica de ser um tipo de droga; observa-se ainda que, durante os momentos de debates, expuseram que o uso de qualquer tipo de droga ocorre bastante devido a exemplos cotidianos de pessoas mais experientes, inclusive familiares, e torna-se então uma questão difícil de ser abordada, além da dificuldade pré-existente por ser um tabu. Como nas seguintes falas:

“[...] um aluno que ele além de usar uma droga ilícita ele foi apresentado a ele pelo próprio pai. Então ele começou a mostrar pra turma que era normal, que não viciava que não tinha um efeito devastador como o pessoal coloca, aí foi uma conversa bem interessante [...]”. A02

“No caso do álcool, das drogas aí que a gente consegue mais detalhadamente o argumento de cada um, cada estudante tem uma experiência de vida fora da escola, com família, entre amigos, na sociedade, em grupos, de convivência deles, de grupos [...]. percebido que há um envolvimento do aluno porque querendo ou não tem alguém na família envolvido, quando não, ele mesmo. [...] Fica muito difícil trabalhar em sala de aula. [...]”. A03

Dessa forma, a relação constante e próxima que os jovens possuem com usuários de drogas facilita o primeiro contato com as mesmas e deixa a percepção das consequências contraditória, uma vez que acompanha os danos em usuários antigos, mas também são influenciados pelos próprios familiares, causando uma ideia de autorização, consentimento e dessa forma menores riscos. Diante dessa situação, na busca de informar sobre os efeitos causados decorrentes do uso de drogas, os educadores procuram meios de aproximarem-se do tema criando oportunidades de debate através de métodos de ensino como debates, vídeos e pesquisas; porém, há momentos em que os próprios alunos anseiam por maiores informações e procuram no professor uma figura de confiança e respeito, e iniciam discussão sobre a temática.

“[...] tem acontecido muito isso, por mais que oriente eles caem no mundo das drogas pelo ambiente que eles vivem. Olha, acontecem casos isolados que eles chegam e converso com eles pessoalmente porque tem momentos que eles mesmos se abrem para falar em público; aí muitas vezes é preciso que você chegue até ele ou ela para ver o caso”. A10

“Normalmente são dúvidas que eles trazem, então as vezes estou trabalhando outro assunto que não tem nada a ver, mas sempre que sai uma reportagem que eles conhecem o caso eles trazem e acaba mudando o tema da aula”. A13

Por serem jovens iniciando a vida social, com várias modificações em suas vivências junto com a curiosidade inerente à idade, há maior interesse em experimentar novas situações, oportunidades, conhecer e se integrar ao grupo; assim iniciam experimentando álcool e cigarro por ser mais acessível e não ser considerada ilícita, e ainda por ter o consentimento dos próprios pais. Ao perceberem isso durante os debates, os professores têm a possibilidade de aprofundar-se sobre o tema e tomar medidas de prevenção e conscientizar. Junto a isso, trazer os familiares para perto como corresponsáveis pelo cuidado com os adolescentes.

Silveira, Ferreira *et al* (2013), afirma que a família é fundamental na formação individual e social dos jovens, contribuindo na construção de códigos de valores; e quando há união e conversa com os pais cria-se um ambiente de proteção contra as drogas.

Segundo Lopes e Rezende (2013), foi evidenciado numa pesquisa realizada em Maceió, com 407 alunos da rede pública ao relacionar a ansiedade com o consumo de substâncias psicoativas; que o álcool foi a substância mais utilizada em todas as categorias de consumo pela facilidade de aquisição, por ser culturalmente aceita e maior aceitação social.

“Primeiro prevenir os alunos, pra conscientizar ele do uso das drogas lícitas e ilícitas que pode prejudicar tanto o corpo dele, a parte orgânica como também a parte psicossocial dele dentro da própria disciplina como no convívio social dele como adolescente em casa e aqui na escola. [...] Mas o que eu vejo bem neles é a questão da não participação dos pais, isso aí é o que eu acho que faz eles utilizarem, a própria curiosidade, já que eles são adolescentes”. A16

“[...] A família tem que ser mesmo englobada dentro da escola e não pode deixar a família dentro de uma sociedade solta, tem que ter um cuidado, e eu acho assim que a universidade está tendo esse cuidado”. A35

3.1.2 Educadores e alunos: relação de respeito, conhecimento e medo

Como centros da discussão têm a palavra “Aluno”, seguido por, “Aula”, “Debate” e “Querer”; nas ramificações secundárias encontram-se “Família”, “Estudante”, “Social” e “Tempo”; posteriormente temos “Sexualidade”, “Bebida”, “Envolvimento”, “Apoio”, “Abordagem” e “Vida”.

A partir dessa conexão entende-se que mesmo havendo o medo de como serão interpretados pelos pais, pelos próprios alunos e demais professores; há um interesse em realizar debates em sala de aula, que é algo constante realizado pelos professores independente da origem do diálogo, e que este é um ambiente propício para isso. Neste momento o aluno torna-

se o foco central da discussão quando se trata de drogas, seja como agente principal ou como ouvinte, pois ao contribuir com suas histórias e experiências de vida ele demonstra o conhecimento que possui, conhecimento sobre o ambiente de convívio, bem como fornecem uma noção do quanto estão envolvidos nesse meio. Como ouvintes eles ensinam através de gestos e observações que também têm histórias próprias, que por medo ou receio de julgamentos, ficam quietos, calados, porém há muito a ser dito, aprendido e ensinado.

“Primeiro a gente conhece até que ponto eles tem um contato ou não, como estamos na educação e temos uma tendência a idealizar muito, a utopia da sociedade, então a gente acaba achando que nosso aluno não tem contato com isso[...]. A02

“Eu como educador, penso que qualquer assunto que venha a surgir comentário conversa na sala a respeito de alguma informação veiculada pela imprensa eu acho que vale a pena debater, discutir, principalmente um tema como esse tão polêmico como as drogas”. A23

“[...] Primeiro eles ficam mais expectador, mais observando, mas depois começam a interagir e surte efeitos positivos, vão contando relatos e as vezes contam até frustrações que aconteceram com eles”. A31

Nesse contexto entra a importância da família no processo do cuidado, que diante das adversidades necessitam de apoio junto à escola e parceria durante a caminhada escolar de seu filho, inclusive apoiando os professores e se tornando mais atuantes nesse ambiente. O contexto no qual o jovem e sua família estão inseridos influencia na tomada de decisões e na confiança que terão no próximo, alterando o modo como o educador poderá conversar com o mesmo; dessa forma o processo de aconselhamento e ensino depende de cada caso e varia conforme a aproximação e vínculo de confiança anteriormente estabelecida, isso demanda tempo e esforço por parte dos professores.

“E tem acontecido muito isso, por mais que oriente eles caem no mundo das drogas pelo ambiente que eles vivem. Olha, acontece casos isolados que eles chegam e converso com eles pessoalmente porque tem momentos que eles mesmos se abrem para falar em público; aí muitas vezes é preciso que você chegue até ele ou ela para ver o caso”. A10

“Mas tudo isso com muito cuidado pra ele não sair da escola, porque já teve problemas de professores com traficantes, muita gente tem problema com os pais, os pais acharam que a aula estava despertando o filho para as drogas e a gente estava despertando para ele não entrar”. A12

Segundo Rodrigues; Campos (2016) houve um aumento nos últimos anos do uso de substâncias psicoativas tornando-se então problema de saúde pública por afetar além do próprio usuário, a família, sociedade e trazer repercussões para todos devido a associação com a violência, acidentes, gravidez não planejada e transmissão de doenças sexualmente

transmissíveis; embasando a preocupação dos educadores quanto a realização de abordagens focadas também nesses fatores como observa-se nas falas acima citadas.

Diante disso há a necessidade de uma abordagem também voltada a esses temas, com demonstração de métodos de proteção, falas de apoio e demonstração de estar à disposição, assim informando e criando laços que serão a base para futuros debates.

3.2. Papel do profissional de saúde na prevenção do uso de álcool e outras drogas por adolescentes, segundo os professores.

Após análise dos áudios aparece a palavra “Escola” como principal, seguida por “Palestra” e “Realidade”; na ramificação secundária temos “Cuidado”, “Conscientização” e “Discurso”, na ramificação final aparece “Dúvida” e “Adolescente”.

É possível inferir que a escola é um espaço adequado para chegar aos jovens na prevenção por ser um ambiente mais neutro e um local familiar, onde ficam mais à vontade e onde estão em constante contato com outras pessoas da mesma idade. A escola deveria tornar-se uma grande aliada para os profissionais de saúde no processo de promoção da saúde e prevenção de agravos, uma vez que seu papel é, entre outros, preparar os jovens para ter pensamento crítico e tomar decisões baseadas em informações verídicas. Uma forma da área da saúde abordar os adolescentes é partir da realidade deles, tornar verdadeira a história de cada um e assim, mostrar através de suas experiências, maneiras de prevenção, de diminuir os riscos e promover melhorias. Os jovens são seres curiosos e ativos, não conseguem ficar na inércia, dessa forma, é necessário proatividade, colocar os jovens para pensar e criticar, torná-los agentes de seu próprio cuidado.

“Eu acho que a parceria tem que ser constante, porque assim, nos sempre promovemos, trazemos alguém para dar uma palestra, um psicólogo, um profissional de saúde, a gente sempre tenta procurar essas pessoas. [...] É fundamental um profissional de saúde na escola, a gente sabe que não tem como ser um funcionário a mais, mas eu acho que poderia ser uma campanha do próprio programa saúde da família, por exemplo, que está dentro de um bairro [...]. Infelizmente temos uma sociedade que separa as instituições e elas poderiam ter um laço mais aproximado, educação e saúde deveriam estar andando de mãos dadas porque dessa forma a gente poderia fazer um trabalho mais efetivo com os jovens”. A02

“Então se vem um profissional da área eu acredito que a construção com o aluno, o debate, a discussão, a troca de ideias fica bem aprofundado, bem interessante”. A05

“Acho que em contra partida seria palestras, a princípio palestras que informasse, alguns filmes que mostrasse alguns acontecimentos do dia a dia em relação a esse tema, basicamente informação. Eu gostaria que a escola tivesse, pelo menos, 02 vezes ao ano profissionais que viesse e passasse em todas as salas e abordasse esse assunto, esse tema”. A09

A pesquisa mostra que 60% das escolas são cobertas por USF, mostrando uma necessidade de ampliar essa cobertura, e iniciar intervenções sobre álcool e outras drogas na comunidade, visto que essa parcela da população que for abraçada pela educação em saúde poderá disseminar o aprendizado adquirido e assim, tornarem-se potenciais pontos de referência para outras pessoas. Dito isso, nota-se que para unir quantidade com qualidade é necessário organizar as abordagens que são realizadas, visto que além de serem poucas, as que ocorrem não são sobre a temática de saúde mental. Isso se deve por ainda ser um assunto tabu, pelos profissionais da atenção básica não estarem preparados para abordar o tema e pelos familiares resistirem a essa abordagem com seus filhos.

As escolas contam com recursos para o desenvolvimento de atividades educativas e preventivas que seriam produtivas para os alunos, como bibliotecas, laboratórios e quadras esportivas, que podem ser usadas em atividades dinâmicas e recreativas para os adolescentes, porém, há uma resistência por parte de alguns educadores em aceitar e colaborar com o novo, o que dificulta a realização de medidas preventivas nos ambientes escolares por pessoas que não estão em seu convívio direto. Junto a isso soma-se o fato das equipes de saúde não estarem atuando em conjunto com as escolas percebendo-se visitas esporádicas, quando ocorrem, além de não serem realizadas ações sistematizadas de prevenção às drogas, mas apenas atividades rápidas e repetitivas que não despertam o interesse dos alunos. Segundo Costa (2014), as intervenções de educação em saúde devem ser bem planejadas e de forma dinâmica para estimular a participação dos adolescentes. Essa ausência incentiva a resistência à integralidade por parte da escola, uma vez que a saúde não é vista como parceira, e sim como uma instituição à parte.

Quando há uma abordagem se percebe um discurso voltado para o álcool e tabaco, porém com maior permissividade e observa-se um desligamento destes como drogas; ao serem abordados é muito frequente nos discursos a relação deles com a aceitação dos familiares e ainda o próprio incentivo por parte dos mesmos. Essa aceitação é percebida quando está ligada à curiosidade dos jovens, à fase em que eles se encontram e quando se relaciona a transição pela qual estão passando; e ainda quando há discursos de familiares que tem como opinião o fato de tornarem-se mais homens, mais independentes e assim afirmarem sua masculinidade para a sociedade. Mesmo sendo um discurso mais conservador ainda há esse conceito e interfere na criação dos jovens, influenciando suas escolhas e decisões.

O álcool é visto como prejudicial em diversas áreas da vida, porém aceitável, enquanto que ao se falar das drogas ilícitas permanece um discurso proibitivo, de reprovação e ilegalidade. Nesse contexto entra o papel da escola que tem como dever propiciar aos jovens

meios para desenvolver opinião crítica, visão de futuro e meios para cuidar da própria saúde, junto à equipe de saúde que por sua vez deve fornecer as informações necessárias ligadas às drogas e demais assuntos. Quando não ocorre a parceria entre educadores e profissionais da saúde, o processo de prevenção nas escolas se torna fragilizado, pois cada um tem suas potencialidades e capacidades que somadas trazem informação, prevenção, interesse e confiança aos alunos; separadas, mesmo fornecendo informações, fazem os jovens sentirem que os educadores estão entrando em competências indevidas e que os profissionais da saúde não estão realizando sua função, conseqüentemente as atividades individuais tornam-se desinteressantes e sem finalidade aparente.

As abordagens realizadas se baseiam muitas vezes na realidade da comunidade onde está inserida a escola, pois são casos trazidos pelos próprios alunos, vivências do cotidiano, experiências pessoais e familiares que refletem a situação da sociedade no entorno, possibilitando uma compreensão dos agravos à saúde ao qual os jovens estão expostos. A partir desse conhecimento as equipes de saúde têm a disposição meios para entender quais os problemas de saúde mais frequentes na comunidade e tomar medidas preventivas, não só na escola, mas também na comunidade e nos postos de saúde a fim de abranger a todos.

Além disso, torna-se importante a inclusão dos pais e demais familiares no processo de prevenção, uma vez que estão diretamente ligados aos jovens e são pessoas de confiança para eles. A tríade escola-família-saúde é imprescindível para a prevenção às drogas, pois são os principais responsáveis pelo desenvolvimento saudável e conscientização dos jovens. É importante valorizar o saber dos adolescentes e demonstrar interesse nesse conhecimento, trazer à sala de aula para debates, bem como mostrar no que estão certos e tirar as dúvidas de forma não punitiva ou com julgamentos; dessa forma favorece o fortalecimento de vínculos e viabiliza oportunidades de falas e discussões além de incentivar os jovens a demonstrarem suas opiniões. Dentro desse contexto entra a necessidade de abordar outros temas que estão diretamente relacionados ao uso de drogas, como a vulnerabilidade socioeconômica, conseqüências do uso na vida e cotidiano das pessoas, influência nas relações pessoais, possibilidade de contrair doenças sexualmente transmissíveis, entre outros, além de abordar as conseqüências físicas e psíquicas e os efeitos a longo e curto prazo decorrentes do uso de drogas. Essa abordagem é necessária para que os jovens entendam a ampla relação entre os fatores e entendam a interligação entre elas, apreendendo e compreendendo os meios pelos quais podem se prevenir, evitar e/ou amenizar os riscos decorrente do uso; uma vez que o objetivo não é impor e sim capacitar os jovens para seu autocuidado e torná-los atuantes nesse processo.

4 CONCLUSÃO

Nas abordagens dos educadores há o interesse de proteger os jovens das drogas mostrando os efeitos, consequências e riscos de seu uso, porém para chegar mais próximo dos adolescentes é necessário mostrar também como diminuir essas consequências e os meios de proteção para que assim abranja ainda os que não querem parar de usar. Como ação para esses, há a abordagem da redução de danos e orientação para seu autocuidado.

Embora a abordagem dos professores seja essencialmente preventiva, ainda persiste necessidade de atuação dos profissionais da saúde nas escolas para dar apoio e explanar sobre o assunto de modo mais profundo e explicativo. Há uma baixa frequência destes profissionais nas escolas, de modo que não se tem conhecimento até mesmo sobre a existência dos serviços de saúde no território. Em alguns casos não ocorre sequer visitas regulares, muito menos uma parceria efetiva entre saúde e educação. Nas poucas visitas que ocorre não são ofertadas atividades preventivas sobre álcool e drogas.

Todos esses fatores mostram que há grande necessidade de aprimoramento do Programa Saúde na Escola, uma vez que necessitam de uma articulação efetiva entre os setores da educação e da saúde, já que sem isso a necessidade de prevenção de doenças e promoção da saúde não será suprida. Os profissionais de saúde também devem procurar as escolas, saber da importância de realizar atividades educativas e preventivas, que com tais ações estarão cuidando da população de sua área de abrangência além de estarem promovendo saúde desde cedo aos adolescentes.

Quanto aos familiares, ainda há um afastamento dos mesmos no ambiente escolar, dessa forma é papel da escola e dos profissionais de saúde dentro da atenção básica conscientizá-los quanto a importância da participação deles na construção de adolescentes críticos, com autonomia, conscientes e com capacidades para o autocuidado. E ainda informar sobre o papel da escola, profissional de saúde e próprios pais na disseminação de conhecimento aos jovens quanto ao uso de drogas.

REFERÊNCIAS

BARRETO, R. M. A.; CAVALCANTE, A. S. P.; MIRA, Q. L. M.; VASCONCELOS, M. I. O.; BRITO, M. C. C. Ações Educativas em Saúde para o público adolescente: uma revisão integrativa. *Rev. APS*, v. 19, n. 2, p. 277–285, 2016. Juiz de Fora. Disponível em: <https://periodicos.ufjf.br/index.php/aps/article/view/15583/8172>. Acesso em: 9 abr. 2017

BRASIL. **Resolução No 466, de dezembro de 2012 do Conselho Nacional de Saúde**. 2012. Brasília. Disponível em: <http://conselho.saude.gov.br/resolucoes/2012/Reso466.pdf>. Acesso em: 10 abr, 2017.

BRASILIA. **Saúde na escola**. 1st ed. Brasília: Ministério da Saúde, 2009. Disponível em: https://bvsms.saude.gov.br/bvs/publicacoes/cadernos_atencao_basica_24.pdf. Acesso em: 10 jul, 2018.

CEDECA, Rio de Janeiro. **Estatuto da Criança e do Adolescente**, 2017. Disponível em: http://www.chegadetrabalho infantil.org.br/wpcontent/uploads/2017/06/LivroECA_2017_v05_INTERNET.pdf. Acesso em: 11 jul, 2018.

COSTA, R. L. C. **Prevenção do uso de drogas na adolescência - uma intervenção educativa integrando unidade de saúde e escola**, 2014. Dissertação (mestrado), UFC. Disponível em: http://repositorio.ufc.br/bitstream/riufc/9086/1/2014_dis_rlccosta.pdf. Acesso em: 5 abr, 2017.

INPAD. **Segundo levantamento nacional de Álcool e outras drogas**. UNIFESP, São Paulo, 2014. Disponível em: <https://inpad.org.br/wp-content/uploads/2014/03/Lenad-II-Relat%C3%B3rio.pdf>. Acesso em: 5 abr, 2017.

LOPES, A. P.; REZENDE, M. M. Ansiedade e consumo de substâncias psicoativas em adolescentes. **Estudos de Psicologia**, v. 30, n. 1, p. 49–56, 2013. Campinas. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/estpsi/a/v8vTPH7hhxpkVscM66gzXMC/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 11 jul. 2018.

MENDES, F. R. Sociedade e Uso de Drogas. Prevenção do Uso Indevido de Drogas. **Universidade Federal do ABC**. UFABC, 2015. Disponível em: https://www.researchgate.net/publication/315771614_Definicao_e_classificacao_das_drogas. Acesso em: 13 jul. 2018.

SILVEIRA, H. S.; FERREIRA, V. S.; ZEITOUNE, R. C.G; DOMINGOS, A. M. Efeitos das Drogas Lícitas e Ilícitas na Percepção de Adolescentes: Uma Abordagem de Enfermagem. **Rev. Enferm.** UERJ, Rio de Janeiro. 2013. Disponível em: <https://www.e-publicacoes.uerj.br/index.php/enfermagemuerj/article/view/12072/9451>. Acesso em: 11 jul, 2018.